

REPRESENTAÇÕES DA VIDA COTIDIANA NO IMPÉRIO ROMANO: CULTURA, SEXO E RELIGIÃO EM POMPEIA (SÉCULO I D.C.)

Irlan de Sousa Cotrim

Graduando em História

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo discutir, à luz da historiografia mais recente, como a predominância de grafites e de pinturas parietais nas construções pompeianas se relaciona com a cultura e com a religião das camadas mais populares que compunham o vasto Império Romano do século I d. C.. Para tanto utilizaremos como documentação primária a cultura material encontrada em Pompeia durante suas escavações, como pinturas parietais (sobretudo nas casas e no Lupanar, um prostíbulo da cidade), bem como algumas representações de deuses do panteão pompeiano como o deus Priapo e a deusa Vênus, sendo que era considerada guardiã de Pompeia. Também analisaremos alguns exemplos de epigrafia contidos nas paredes de construções antigas, para compreendermos o conceito de amor na Antiguidade, buscando compreender as relações sexuais entre homens e mulheres como um *continuum*, o conceito de *cinaedus*, bem como as relações *homófilas*, tudo isso dentro da cultura de Pompeia.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade; Cultura Material; Poder; Império Romano.

ABSTRACT: This paper deals with the predominance of *graphii* and parietal paintings in Pompeii's buildings and the role of culture and religion in the popular layers of the Roman Empire (first century A.D.). We used material culture as our primary documentation, such as the ones found in Pompeii during its excavations (especially in the *domus* and the *Lupanar*, a brothel), as well as some representations of gods from the Pompeian pantheon as *Priapus* and *Venus*, the last venerated as a guardian of the population. This work also analyzes some examples of epigraphy in the ancient buildings' walls, to understand the concept of love in Antiquity, the concept of *cinaedus* and to understand sex *inter pares* as a *continuum*, within Pompeii's culture.

Key-words: Sexuality; Material Culture; Power; Roman Empire.

Introdução

Colônia do Império Romano, anexada no ano 80 a. C. por Sila, Pompeia guarda um enorme tesouro arqueológico. Arrasada pelo vulcão Vesúvio em 24 de agosto de 79 d. C., a cidade foi preservada até então e guarda desde as ruas, ruínas de construções, casas de particulares e termas. Acrescente-se a isto o fato de termos toda uma cultura preservada nos grafites expostos nas paredes e também artefatos utilizados no cotidiano daqueles que não estavam diretamente ligados à casa imperial: o cotidiano das camadas mais populares da Antiga Pompeia, em termos de cultura material.

O presente artigo tem por objetivo discutir, à luz da historiografia mais recente, como a predominância de grafites e de pinturas parietais nas construções pompeianas se relaciona com a cultura e com a religião das camadas mais populares que compunham o vasto Império Romano do século I d. C.. Para tanto utilizaremos como documentação primária a cultura material encontrada em Pompeia durante suas escavações, como pinturas parietais (sobretudo nas casas e no Lupanar, um prostíbulo da cidade), bem como algumas representações de deuses do panteão pompeiano como o deus Priapo e a deusa Vênus, esta considerada guardiã de Pompeia. Também analisaremos alguns exemplos de epigrafia contidos nas paredes de construções antigas, para compreendermos o conceito de amor na Antiguidade, buscando compreender as relações sexuais entre homens e mulheres como um *continnum*, ou seja, inerente às outras esferas da vida e cultura dos romanos, o conceito de *cinaedus*, bem como as relações homófilas, tudo isso dentro da cultura de Pompeia.

Acreditamos que a sexualidade é um campo muito mais amplo que compreendia muito mais que as necessidades biológicas de perpetuação da espécie humana. Podemos constatar exemplos dentro de fontes primárias, como a representação de Cleópatra com Marco Antônio, descrita pelo escritor Plutarco.¹ Mesmo que seus escritos datem do século II d. C., a representação da paixão de Marco Antônio pela monarca egípcia sugere uma perda da sua virilidade, ou seja, a paixão desenfreada de Antônio por Cleópatra – que o fez trair sua romanidade – deslegitimou-o perante o povo romano, em termos de liderança política. A

¹ Como na Antiguidade não havia um termo que remetesse à sexualidade, este termo foi criado apenas no século XIX para fins de estudos biológicos. Para suprir isso, entendemos sexualidade nos estudos sobre Antiguidade como o estudo acerca do uso do corpo e das relações de poder que se pode obter nas relações sexuais, bem como compreender que este conceito não estava à parte de outras esferas como política, religião e economia, mas que se revela um *continnum*, ou seja, está inerente às demais esferas citadas acima, por exemplo (SANFELICE; GARRAFFONI, 2011).

perda da *virtus*, isto é, da capacidade moral de Antônio ser líder de um império, retirada por sua submissão à Cleópatra.²

Nas próximas linhas trataremos respectivamente sobre o conceito de cultura e sua pretensa subdivisão entre cultura erudita e cultura popular; posteriormente versaremos sobre a religião na cidade de Pompeia, à luz da historiografia mais recente sobre o assunto, para assim introduzirmos as representações fálicas e as representações dos deuses Priapo e Vênus, tanto nos grafites, quanto nas pinturas parietais. Por fim discutiremos sobre o papel do sexo dentro dessa cultura.

Buscamos assim contribuir para um debate mais crítico acerca da temática sobre sexualidade dentro dos estudos sobre Antiguidade. Com um olhar mais desarticulado de preceitos normativos oriundos da cultura contemporânea sobre sexo e poder, buscamos compreender como a sexualidade estava inerente às outras esferas do cotidiano de Pompeia, não como depravação ou devassidão, mas fazia parte de rituais religiosos bem como marcava bem a divisão entre gêneros e relações de poder.

Cultura no Império Romano: o caso de Pompeia

De acordo com Funari (2003), entre as várias definições para o termo cultura podemos generaliza-lo como sendo todo o produto fruto do trabalho humano. Contudo, segundo o autor, em uma sociedade estratificada as formas de ser e estar e se perceber no mundo sofre mudanças conforme perspectivas dos grupos que a compõe. Desse modo, o conceito de cultura pode ser subdividido em, pelo menos, duas categorias: cultura erudita e cultura popular. Trata-se da sobreposição do que é erudito em detrimento do popular, este tido como uma imitação do primeiro.

As cosmovisões populares, por seu lado, constroem-se não como passado como imitação (*mimesis*) ou como submissão aos padrões eruditos. Se os ricos viviam um passado sem presente, os pobres viviam um presente sem passado. Essa consciência do gozo do momento permeava a vida cotidiana do homem do povo. Forçados a trabalhar para viver, escravos e pobres, homens e mulheres sentiam, de forma muito mais clara, a significação da percepção e da fruição. Essa massa estava presente nos teatros, nos anfiteatros, nos bares e nos templos. Assistiam a tragédias, a recitais musicais e poéticos, a diversos gêneros de comédias (*atellanae*, *mimi*,

² Sobre este tema cf. SILVA, 2014.

pantomimici), picantes e jocosas, assim como às lutas de gladiadores e entre homens e feras (*uenationes*). Participavam ativamente também de cultos de Baco, Ísis e Vênus, entre outras divindades populares. Compunham, ainda, suas próprias canções, trovas, músicas, danças. Os testemunhos diretos destas práticas, contudo, são muito reduzidos, não tendo se conservado como os testemunhos escritos e os restos materiais (FUNARI, 2003, p. 26-27).

Dessa forma vemos na cidade de Pompeia outras concepções que desmistificam a tradicional visão de um Império Romano uno e igual no qual os populares saíam de suas casas, uníssono, oferecendo sempre glórias aos governantes. Ao contrário, como salienta Funari (2003, p. 25), o que se tinha eram culturas que permitiam aos populares participarem das questões sociais, tanto política, quanto religiosa.

Ainda segundo o autor, o que diferencia uma cultura dita erudita para uma mais popularesca seria o grau de instrução de seus adeptos. No mundo antigo, por exemplo, vários autores que produziam suas poesias e suas histórias, selecionavam seu público, como Horácio (cf. LEITE, 2013), que impedia que pessoas fora do ciclo de “amigos”, ou seja, seus pares – outros autores – lessem ou ouvissem suas histórias e fizessem ponderações consideradas inferiores.

A instrução que Funari (2003, p. 70) comenta em seu livro, nos moldes antigos, seria a *instructio*, isto é, tudo o que se refira à posse cognitiva do mundo. Apesar disso, de alguma forma, em algumas inscrições das camadas mais populares de Pompeia, se tem uma menção a alguns autores da erudição.³ Isto pode ser o resultado de uma alfabetização dos pompeianos no período escolar, lugar onde aprendem sobre a cultura da língua latina e as formas de escrita grega, bem como o resultado da rota de comércio da cidade ou de pessoas que recitavam tais autores em espetáculos públicos e nas ruas (FEITOSA, 2002).

Funari nos chama atenção para o fato de olharmos a erudição não apenas no campo da gramática do latim, mas sim como uma construção que tem sentido dado pelo ambiente social apropriado às classes altas (FUNARI, 2003, p. 69). Por isso quando olhamos os grafites de Pompeia, apesar de uma falta de domínio da norma culta da língua latina, ao analisarmos tais inscrições, devemos contextualizá-las com seu respectivo tempo e agentes que produziram

³ Feitosa (2002) discute justamente a presença de passagens de autores pertencentes a uma cultura mais erudita, ou seja, mais restrita aos membros da elite romana. Segundo a autora, é possível ver referências, nos epigramas eróticos de Pompeia, de autores clássicos romanos, bem como helenísticos, como Virgílio, Catulo e Homero, no que diz respeito às inscrições de cunho amoroso.

tais inscrições. Aqui nos referimos à necessidade de se fazer uma crítica interna e externa às fontes. Algumas contribuições dos grafites podem ser elencadas: o fato das inscrições serem em letras cursivas, dá uma noção de como eram as variações da escrita do latim na época do Império Romano; o fato das inscrições quase sempre escritas erroneamente, nos permite imaginar como era a oralidade da fala da língua latina, se entendermos estas inscrições como marcas da oralidade. Desse modo, os humildes, apesar de não terem uma educação erudita como os romanos mais abastados, tinham contato com a língua latina, possibilitando assim sua participação na sociedade em que viviam (FUNARI, 2003).

Em termos de manifestações populares, temos o exemplo dos grafites em Pompeia. Hoje, os historiadores têm acesso livre pela internet para encontrar as inscrições parietais, os grafites, no *Corpus Inscriptionum Latinarum*⁴, uma compilação em latim feita das inscrições romanas, em oito volumes. Os grafites são inscrições parietais feitas com o auxílio do *graphium*, um aparelho de ponta cortante que abria sulcos nas paredes, permitindo a escrita. Segundo Funari (2003, p. 80) existem muitas inscrições nas paredes da cidade, o que é refletido no CIL, pois temos mais de 11 mil inscrições parietais compiladas. Algumas mais, outras menos preservadas desde desenhos infantis até sátiras e propagandas. A maior parte dessas inscrições é anônima, mas direcionadas, como no exemplo abaixo:⁵

is por gestos. E o caso da inscrição seguinte.

CIL IV 4498
Thyas.
Noli. Amare
Fortunatu
(phallus)³⁸
Vale.



Segundo Funari (2001, p. 127), o falo representado pode significar uma palavra, mais ou menos chula ou até mesmo como um gesto obsceno. A tradução do autor seria: “Thyas não

⁴ A partir de agora representado pela sigla CIL.

⁵ Tradução de Pedro Paulo de Abreu Funari (2001).

quis amar Fortunato; saudação do seu pênis!”. Mesmo assim, segundo o autor, pode-se ler também como “Thyas, tome o pênis”.

Os grafites nas paredes de Pompeia revelam-se como uma das manifestações culturais da cidade, mas não a única. Representações do tipo pinturas eram feitas dentro de locais públicos e privados, mas com conotações diversas. Desde manifestações religiosas até mesmo consideradas eróticas nos mostram o quão era intrínseca a relação entre sexo-poder-sexo-religião-sexo-cultura em Pompéia. Este assunto será discutido nos próximos tópicos.

A religiosidade em Pompeia

A religiosidade em Pompeia pode ser vista intrinsecamente ligada às práticas cotidianas, em termos de significações e de respostas a dilemas cotidianos. Apresentamos dois deuses do panteão romano que exerciam grande influência em Pompeia: Vênus e Priapo.

Quando anexada ao Império Romano por Sila, em 80 a. C., a Pompeia foi introduzido o culto à deusa Vênus – uma interpretação da deusa Afrodite, oriunda do Helenismo. O próprio nome da colônia *Colonia Cornelia Veneria Pompeianorum* já nos remete que a deusa Vênus era tida como a protetora da cidade e dos seus habitantes. Vênus era considerada a deusa da beleza, fertilidade e amor. O próprio modo pelo qual a deusa tinha nascido, de uma concha no mar, significa que a deusa seria a protetora dos viajantes no mar. Em algumas inscrições parietais, nos grafites de Pompeia, vemos algumas menções à deusa como forma de súplicas, de cunho amoroso, que eram dirigidas a alguém, como no exemplo abaixo:⁶

(Grat)ae nostrae feliciter (perp)etuo rogo domna per (Venere)m Físicate rogo ni me (...)us babeto mei memoriam (CIL, IV, 6865)

[A minha querida Grata, com felicidade eterna. Te peço, senhora minha, por Vênus Física, que você não se esqueça de mim. Me tenha sempre em teus pensamentos!]

O exemplo acima se trata de uma súplica em nome da deusa Vênus para que Grata não esquecesse alguém que a ama muito. Este tipo de inscrição evocando a figura de Vênus como mediadora de um caso amoroso, nos remete que em Pompeia a deusa estava muito ligada a questões cotidianas. Vale ressaltar que a súplica direcionada à Grata é escrita com um latim

⁶ Tradução de Lourdes Feitosa (2008).

fora das normas, como os parênteses referenciam, o que nos leva a pensar que essa inscrição foi cunhada por algum indivíduo pertencente aos estamentos mais populares.

O deus Priapo, segundo Mora (2016), era uma divindade considerada como protetor das hortas e dos campos. Sua imagem peculiar põe em evidência o enorme falo que possui, sempre em posição ereta. O órgão genital masculino ereto era considerado sinal de fertilidade, uma das atribuições do deus. Priapo era ligado ao caráter agrário; o primitivo falo apotropaico também tinha conotação de exacerbar um caráter de virilidade, do *vir*. Alguns poemas de cunho erótico comparam o enorme falo de Priapo como uma arma divina que demonstrasse seu poder. Entendemos, assim, que a representação fálica contida na composição da figura de Priapo remete a equiparação do deus com os outros, por exemplo, em termos de poder, contra os ladrões.

O autor versa sobre os castigos do deus aos infratores e trata de três formas de castigos impostos por Priapo, todos de conotação sexual: *fututio*, *pedicatio* e *irrumatio*. O primeiro castigo se aplicava às mulheres, o segundo aos rapazes jovens e o último aos homens já adultos.⁷ No caso da *fututio*, o deus Priapo condenaria as mulheres ao eterno sexo com o deus. As duas últimas penalidades, destinadas aos homens, retratam um poder divino e a eterna submissão dos apenados ao poder do deus. A *pedicatio* se trata de se submeter ao deus para atender aos prazeres do mesmo. No caso, Priapo faria sexo anal com os rapazes eternamente, submetendo-os ao seu desfrute pela vida eterna. No caso da *irrumatio*, castigo aplicado aos homens adultos, significa dar prazer sem receber prazer. Priapo submeteria os homens adultos à eterna felação.

Pensamos que esse castigo remete à afirmação de sua condição de *vir*, em detrimento da condição de *cinaedus* daqueles que seriam condenados. Entende-se por *cinaedus* o homem que é desprovido da capacidade de comandar, que age com *trejeitos afeminados*. Tais trejeitos poderiam significar desde a indolência, a falta da capacidade de comando militar ou se referir ao homem que pratica atividades consideradas femininas (cf. AMAYA, 2016, p. 23). No Mundo Antigo, porém, esta conotação não era de classificação de um homem homossexual, mas sim, de um homem que não tivesse a moral de conduzir algo, de se mostrar forte e capaz, ficando no ostracismo. As relações sexuais homófilas, portanto, não tinham conotação pejorativa no que se refere ao campo da moral social.

⁷ Segundo Mora (2016, p. 2), considerava-se adulto no mundo antigo o rapaz que estivesse com a pelagem do rosto já em evidência.



Figura 1: Representação do deus Priapo.⁸

Abaixo temos um exemplo de uma inscrição antiga, possivelmente datada do século I d. C. que descreve como a representação do falo na Antiguidade era permeada de misticismo de superstição.



Hic habitat felicitas (CIL IV 1454)

Figura 2: Placa de pedra encontrada em um antigo estabelecimento comercial.⁹

⁸ Disponível em < <http://noticias.band.uol.com.br/mundo/noticia/100000757318/priapo-o-deus-da-fertilidade-tinha-fimose.html>>. Acesso em 16 de Junho de 2016.

⁹ Disponível em <<http://www.jotdown.es/2013/09/hic-habitat-felicitas-memorias-del-falo/>>. Acesso em 16 de Junho de 2016.

Segundo Renata Senna Garraffoni (2007), este falo esculpido com os dizeres *aqui reside a felicidade*¹⁰, remete ao fato do uso da imagem do falo ereto como amuleto, uma vez que tal representação, para os romanos (pelo menos os mais populares) era símbolo de fecundidade, fertilidade e boa sorte, sobretudo nos negócios (GARRAFFONI, 2007, p. 24). Portanto, a conotação sexual aqui não seria a explicação mais plausível a ser feita; essa percepção seria anacrônica e normativa, ou seja, atrelada a nossa concepção da representação do falo em nossos dias. O deus Priapo, deus mais atrelado aos populares, tinha como arma o seu grande falo, como o símbolo de seu poder.

O deus representava a virilidade (como vimos anteriormente com os castigos), a fecundidade (na proteção das hortas e dos campos) e boa sorte, em termos de prosperidade tanto nos negócios quanto na vida pessoal, para espantar mau-olhado, como uma espécie de amuleto (GARRAFFONI, 2007). Entendemos como virilidade na Antiguidade romana como a capacidade de comando de si – moderação – e do outro, características do *vir* romano. Dessa forma, o ato de sempre estar na posição de atividade nos castigos, o deus Priapo representaria o *vir* que comanda que exerce poder sob os apenados.

Contudo, as representações fálicas, bem como as representações da deusa Vênus tinham caráter exclusivamente religioso. Como mencionamos anteriormente, a sexualidade no mundo antigo estava atrelada às outras esferas da vida em Pompeia. Nas próximas linhas, versaremos sobre as representações iconográficas, pinturas parietais, sobre sexualidade; bem como discutiremos sobre a relação homófila na Antiguidade. Para tanto reforçamos nossa tese de que ao olharmos para o passado, principalmente no que diz respeito à temática da sexualidade, temos que compreender que estamos adentrando um mundo que não foi nosso. Portanto, devemos nos desvincular por um instante dos conceitos normativos que permeiam nossa cultura para então compreendermos melhor a cultura de outrem.

Cultura, religião, sexo e poder em Pompeia

A relevância social nas pesquisas sobre sexualidade dentro da História se dá por conta de que ela não é apenas uma função biológica, mas também uma forma de caracterizar indivíduos (CAVICCHIOLI, 2014, p. 154). O preconceito atual também demonstra que os olhares normativos – herança das percepções religiosas, em especial no Brasil, o Cristianismo – resvala até mesmo na historiografia. Isto faz jus às pesquisas sobre estas temáticas.

¹⁰ A tradução é de Renata Senna Garraffoni (2007).

Segundo Engel (1997), os estudos sobre a sexualidade giravam em torno apenas da sexualidade masculina, mesmo assim esta soma é pequena. Os poucos estudos sobre a sexualidade masculina cristalizaram a ideia de que o homem sempre representa a parte viril da relação, de comandante dando assim o controle e submissão total da parte feminina; a mulher tida como a vítima ou rebelde, mas nunca a protagonista de sua própria História (ENGEL, 1997, p. 299).

Em contrapartida a História da Homossexualidade ou Homoafetividade – juntamente com a História das Mulheres – permaneceu por anos no ostracismo.¹¹ Foi com o advento da Escola dos Annales, com Lucien Febvre e Marc Bloch que a escrita da História, o trato com as fontes e a abertura das abordagens que histórias como essas tiveram força para existir, mesmo que aos poucos. Concordamos com Cavicchioli no que tange a relevância social do tema:

No entanto, ainda na atualidade, existem posições muito conservadoras em relação ao estudo da sexualidade. Em muitos casos, posturas preconceituosas têm dificultado o desenvolvimento de tais pesquisas: muitos a consideram um tema privado e irrelevante para a História. Neste caso, cabe-nos recordar que as formas culturais de apreensão da sexualidade interagem com questões sociopolíticas e têm consequências significativas em todas as áreas: aprisionam ou libertam gêneros, constroem e desconstroem relações, incentivam guerras, mudam a religião de um país, quase depõem presidentes (CAVICCHIOLI, 2014, p. 155).

Sendo assim, passemos à análise das pinturas parietais em construções na Antiga Pompeia. Segundo Funari, as pinturas parietais, ao contrário dos grafites nas paredes da cidade, eram feitas por profissionais qualificados, geralmente com alguns ajudantes (FUNARI, 2003, p. 89). Em nossa pesquisa encontramos alguns exemplos que mesclam religião e sexualidade, por exemplo a pintura abaixo que representa o nascimento da deusa Vênus:

¹¹ Optamos por tentarmos nos aproximar do conceito de homofilia, isto é, amor entre homens, amor de amigos. Acreditamos que homossexualismo remete a uma pretensa forma de classificar as relações homoafetivas como um “sistema” ou como uma “forma de vida”. Temos em mente que tal denominação soa como preconceito e fomenta discussões homofóbicas.



Figura 3: Nascimento de Vênus (mural de Pompeia, séc. I d. C.)

Aqui vemos uma imagem da deusa Vênus. Como salienta Sanfelice (2010, p. 173), estes murais eram feitos e expostos para assim assegurar que o culto aos respectivos deuses fosse realizado. Bem como já salientamos outrora, era comum nos ambientes residenciais, bem como comerciais o uso destas manifestações religiosas como amuletos para espantar o azar e atrair a prosperidade. Em particular, a deusa Vênus mantém relações sexuais com outros deuses, bem como há imagens que a representam juntamente com o deus Marte e o deus Priapo, indício de que não havia separação entre sexualidade e religião.

Entendemos que a sexualidade é definida pela cultura e, como esta é mutável ao longo do tempo, a primeira também não permanece em inércia. Pensar numa moral romana universal seria problemático, uma vez que os romanos não esperavam o mesmo comportamento sexual de um (a) escravo (a) e um (a) esposo (a). Outra problemática implícita seria a própria condição social: um cidadão versus um escravo, por exemplo. Até mesmo as relações sexuais forçadas entre um senhor (romano) e seu (sua) escravo (a) eram vistas como normal ou legítimo. Esse é um exemplo de que sexo, na Antiguidade, também era uma forma de exercer poder.



Figura 4: Afresco do *Lupanar* (Pompeia, séc. I d. C.)¹²

O papel ativo da mulher acima ilustrada neste afresco. Segundo Cavicchioli (2014, p. 164), o ato de a mulher desempenhar o papel de agente que sofre a ação – mulher recebendo o *cunnilingus* – de um homem – aquele que pratica a ação na mulher – remete a ideia de que a mulher por um momento está submetendo o homem, que estaria fazendo o papel de passivo da relação. Entendemos que esses papéis no âmbito da sexualidade antiga no que diz respeito ao fato de um **dar** prazer e **outro** receber prazer.¹³ Desse modo o primeiro estaria subordinado ao segundo. Vale ressaltar que esta regra se destinava mais para os membros da aristocracia romana – senadores, pretores, magistrados, imperador – que para os pertencentes às categorias mais populares.

Outras práticas sexuais seriam consideradas vexaminosas se fossem feitas por um cidadão romano; a felação (*felatio*), por exemplo, que de uma forma aproximada seria a prática do sexo oral, neste caso em homens. O problema não estaria no ato em si, mas no agente que o realiza. Um romano praticar a *felatio* em outro romano ou outro homem das camadas mais baixas era mal visto, tal qual o *cunnilingus* na mulher, do mesmo modo, entre seus pares seria considerado um *cinaedus*. Aqui vemos o papel do sexo na própria hierarquização social. O *vir* que recebesse a *felatio*, bem como o que penetrasse outro homem

¹² Disponível em <<http://hellogringos.com/pompeia-a-cidade-das-cinzas/>>. Acesso em 16 de Junho de 2016.

¹³ Cavicchioli cita passagens do autor Sêneca que estaria indignado com a “inversão de papéis”. Em contraposição, em Ovídio, segundo Cavicchioli, se a mulher fosse de baixa estatura, o fato de estar por cima na relação seria “justificado”. Ver (CAVICCHIOLI, 2014, p. 163).

(seja romano ou não) não perdia sua virilidade, sendo o que exerce o papel ativo da relação. Em contraposição ao *cinaedus*, que se submetendo a outrem, no caso um romano aristocrata se submetendo a quaisquer, era mal visto.

Entender essas relações entre sexo-poder-sexo-cultura-sexo-religião, é essencial para uma compreensão maior sobre o passado cultural dos romanos. A cidade de Pompeia, preservada pelo desastre de 79 d. C., nos legou uma gama de possibilidades de abordagens da vida daqueles antigos homens e mulheres. Mas, mais do que isso, as inscrições parietais, os grafites e os afrescos, bem como alguns artefatos antigos, nos permite estudar o passado do cotidiano da vida daqueles esquecidos nas linhas dos poemas dos clássicos autores do Império Romano.

Considerações finais

O presente artigo é o pontapé inicial do que pretendemos tratar na monografia de graduação em História. Pretendemos avançar na busca da compreensão das categorias de gênero que existiam na Roma imperial durante o *imperium* dos Flávios, século I d. C.. As primeiras conclusões levam a crer que na sociedade romana do século I d. C., tanto o gênero quanto a sexualidade faziam parte de um *habitus*, ou seja, uma forma de dar sentido às hierarquias sociais, uma vez que não se esperava o mesmo comportamento sexual ou modo de vida de um *vir romanus*, uma mulher aristocrata e um escravo, por exemplo. E isto é representado nas paredes de Pompeia, nas epígrafes, nas pinturas e também na literatura da época em questão.

Entender a história de gênero contida nos grafites pompeianos e nos afrescos, bem como a representação do falo para os antigos é a possibilidade de enxergarmos o presente de forma mais crítica e menos normatizada. Desse modo, à luz da historiografia mais recente buscamos contribuir para os estudos sobre gênero e poder na Antiguidade, bem como reafirmar a ideia de que o passado do Império Romano não é algo dado ou simplesmente engessado, ou um império que foi o palco de apenas uma forma de ser homem e uma forma de ser mulher. Compreender gênero e sexualidade no Mundo Antigo é entender como os mecanismos de poder se infiltravam em outras esferas da vida, bem como moldava os corpos daqueles que viveram durante o Império Romano.

Agradecimentos

À professora Érica Christhyane Morais da Silva pela sempre disponibilidade para discutir alguns dos assuntos pertinentes do presente artigo. Sem dúvidas as argumentações demonstraram a primazia e o cuidado da professora para com os estudos sobre Antiguidade. Às professoras Camilla Ferreira Paulino da Silva e Leni Ribeiro Leite, pela orientação neste trabalho, bem como pelas reflexões construídas ao longo do primeiro semestre de 2016. Seria impossível a realização deste trabalho sem o auxílio delas.

REFERÊNCIAS

Documentação Primária

CIL - **Corpus Inscriptionum Latinarum**. v. IV. Berlim: Akademie Verlag, desde 1863.

Bibliografia de Apoio

AMAYA, Lucas. A prática sexual homoerótica em contextos artísticos: duas representações em Plínio, o Jovem. **Revista Hêlade**. ISSN: 1518-2541. v. 2, n. 3, 2016, p. 21-31.

BOURDIER, Pierre. **A dominação masculina**. (Tradução: Maria Helena Kuhner). 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CAVICCHIOLI, Marina Regis. Fama e infâmia na sexualidade romana. **Romanitas** – Revista de Estudos Grecolatinos, n. 3, 2014, p. 153-169.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. (Tradução: Maria Manuela Galhardo). 2 ed. Lisboa: Difel, 1990.

CHAVES, Helton Gomes. O Amor entre Homens no Império Romano e suas Representações de Poder. Disponível em < [www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20\(22\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20(22).pdf)>. Acesso em 23 de Junho de 2016.

ENGEL, Magali. *História e Sexualidade*. In____: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p. 297-311.

FEITOSA, Lourdes Conde. Cultura Popular: as inscrições amorosas da Pompéia Romana. **Clássica**, São Paulo, v. 15/16, n. 15/16, 2002, p. 165-175.

_____. Práticas sexuais e representações históricas. **Mimesis**, Bauru, v. 29, n. 2, 2008, p. 89-104.

_____. Gênero e sexualidade no Mundo Romano: a Antiguidade em nossos dias. **História. Questões e Debates**, v. 48-49, p. 119-135, 2008.

FUNARI, Pedro Paulo. Política e riso em Pompéia: ensaio sobre a crítica social popular. In: BENOIT, Hector; FUNARI, Pedro Paulo. **Ética e política no mundo antigo**. Campinas: Unicamp, p. 117-131, 2001.

_____. **A Vida Quotidiana na Roma Antiga**. São Paulo: Annablume, 2003.

GARRAFFONI, Renata Senna. Via del Lupanar em Pompéia: contribuições da arqueologia para repensar política e sexualidade no mundo romano. In: Oliveira, T. (Org.). **História e historiografia da Educação nos Clássicos: estudos sobre Antiguidade e Medievo**. 1ª ed. Dourados: UEMS, 2010, p. 57-71.

_____. Felicitas Romana: Felicidade Antiga, Percepções Modernas. **História: Questões & Debates**, Curitiba: Ed. UFPR, n. 46, 2007, p. 13-29.

_____. Escritos e inscrições: uma reflexão sobre a pluralidade no início do Principado. In: SILVA, Gilvan Ventura; LEITE, Leni Ribeiro. **As múltiplas faces do discurso em Roma: textos, inscrições, imagens**. Vitória: Edufes, 2013. p. 121-134.

GARRAFFONI, R. S.; FUNARI, P.P.A. .Considerações sobre o estudo da Antiguidade Clássica no Brasil. *Acta Scientiarum. Education (Online)*, v. 32, p. 1-6, 2010.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. (Tradução: Victor Jabouille). 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Uma Morfologia da História: As formas da História Antiga. **Politéia**. Vitória da Conquista, v.3, n. 1, 2003, p. 41-61.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In____: **História e Memória**. Campinas, São Paulo: Ed. da UNICAMP, 1990, p. 535-553.

LEITE, Leni Ribeiro. Difusão e recepção das obras literárias em Roma. In: SILVA, Gilvan Ventura da.; LEITE, Leni Ribeiro (Org.). **As múltiplas faces do discurso em Roma: textos, inscrições, imagens**. Vitória: EDUFES, 2013.

MARTINS, Paulo; OLIVA NETO, João Ângelo. **Falo no Jardim. Priapéia Grega e Priapéia Latina**. Campinas: Editora. da Unicamp, 2011, p. 328-331.

MORA, Carlos de Miguel. Os três castigos de Priapo: o sexo como arma no Corpus Priapeorum. Disponível em < www2.dlc.ua.pt/classicos/priapo.pdf>. Acesso em 23 de Junho de 2016.

RÉMOND, René. Do político. In: RÉMOND, René (org). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 441-450.

SANFELICE, Pérola. Sexualidade, Amor e Erotismo na Roma Antiga: As Representações de Vênus nas Paredes de Pompéia. **OP SIS**, Catalão, v. 10, n. 2, 2010, p. 167-190.

SANFELICE, Pérola; GARRAFFONI, Renata Senna. A Religiosidade em Pompéia: Memória, sentimentos e diversidade. **MNEME – Revista de Humanidades**, 12 (30), 2011 (jul./dez), p. 204-226.

SILVA, Camilla Ferreira Paulino da. **A construção da imagem de Otávio, Cleópatra e Marco Antônio entre moedas e poemas (44 a 27 a.c.)**. DISSERTAÇÃO MESTRADO (Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo – PPGHIS-UFES). Vitória, 2014.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. Amor e sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia - Lourdes Conde Feitosa (Resenha). **Mimesis**, Bauru, v. 29, n. 2, p. 169-171, 2008, p. 169-171.